

– ESPAÇOS MÓVEIS

Christine Mello¹

– Resumo

Eleger a questão do espaço em convergência com questões observadas nas propostas artísticas do século XXI diz respeito a invocar espaços imagéticos desenvolvidos por uma geração de artistas que emerge na passagem para os anos 2000. Objetiva, com isso, gerar aproximações com trabalhos que discutem o contemporâneo como um espaço permeado por conflitos e embates entre diferenciadas formas de apreensão da realidade.

Palavras-chave

Arte contemporânea; ciberarte; cultura digital; percepção espaço-temporal.

–
Eleger a questão do espaço em convergência com questões observadas nas propostas artísticas do século XXI diz respeito a invocar espaços imagéticos desenvolvidos por uma geração de artistas que emerge na passagem para os anos 2000. Objetiva, com isso, gerar aproximações com trabalhos que discutem o contemporâneo como um espaço permeado por conflitos e embates entre diferenciadas formas de apreensão da realidade.

Tomando como princípio o espaço de percepção cotidiana como um espaço ampliado e privilegiado de trocas entre arte e vida, os artistas ativam em suas propostas o “estar no mundo” por meio de espaços sociais, cognitivos e comunicacionais, não pretendendo distinguir os limites entre tais espaços e os espaços tradicionais da arte.

É interessante observar o quanto suas experiências com o espaço agenciam em nossos sentidos uma zona fluida de relações entre o espaço da exposição e a cidade, entre ações pessoais e coletivas, entre grandes e pequenas escalas,

¹ Christine Mello é crítica, curadora e pesquisadora de arte. Com pós-doutorado em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é também doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina e da FAAP-Artes Plásticas, coordena o Grupo de Pesquisa *arte&meios tecnológicos* (CNPq/Fasm). Autora do livro *Extremidades do vídeo* (Editora Senac, 2008), é uma das curadoras do programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais 2008-2009. Suas mais recentes curadorias são *Demasiada Presença* (Escola São Paulo) e *Espaço em relação: fluidez e simultaneidade* (Museu de Arte Moderna da Bahia), ambas realizadas em 2009.

entre o fixo e o transitório, entre o dentro e o fora da obra, entre arquiteturas ficcionais e não ficcionais, entre circuitos da arte e da mídia.

Sob a forma de uma realidade dinâmica de rede, espaços divergentes e simultâneos surgem de suas ações artísticas como a necessidade de acentuar noções de transitoriedade, circulação, interface e contextualização da obra em torno de processos de interação entre diferentes espaços.

Disfunção, descontinuidade e imprevisibilidade são alguns dos estranhamentos encontrados em torno dos espaços apresentados por essa geração de artistas. Colocados em relação de fluidez e simultaneidade, trata-se de observar espaços conectados entre si, interligados muitas vezes sob a lógica de mediações tecnológicas, capazes de gerar articulações poéticas sobre múltiplas formas da realidade. Eles colocam em contato a nossa percepção imediata sobre as coisas do mundo e, por conseguinte, problematizam a nossa presença nos ambientes da vida contemporânea.

Tendo como ponto de partida questões levantadas por esses tipos de experiências artísticas em que coexistem percepções espaço-temporais, serão feitos, na sequência, alguns apontamentos sobre a noção de espaço.

Experiências de reorganização do espaço

As questões relativas à percepção espaço-temporal na contemporaneidade têm origem nas mudanças sensoriais produzidas pela cultura digital. Com a introdução de novas mediações na vida social, como as redes de trocas *on-line* e os dispositivos de comunicação móvel, que associam a conectividade com a velocidade de circulação do capital e de mensagens, o espaço torna-se híbrido. É nesse contexto de experiências que o espaço virtual -- de lógica informacional, desterritorializante -- coloca o espaço físico em conflito, produzindo, com isso, mudanças na noção de espaço.

Em seu livro *Pensando o espaço do homem* (2002a), Milton Santos nos diz que é preciso reconhecer o espaço nas suas relações com a sociedade, junto aos processos sociais, um espaço em movimento, um espaço que reúne. Significa,

desse modo, observá-lo em seus conteúdos. Para ele, o espaço sem relação é o espaço em sua forma física, é a forma vazia, o espaço sem fatos.

Para o geógrafo-filósofo brasileiro a paisagem nada tem de fixo, de imóvel. De acordo com seus apontamentos, cada vez que “a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados” (SANTOS, 2002a, p. 54). Nesse sentido, Santos afirma que “a mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade” (2002a, p. 54).

O espaço é, para Milton Santos, o lugar por onde transita o homem, em sua complexidade política, econômica, cultural e sensível. Ele observa o espaço tornado global com a mundialização da sociedade e questiona a presença do homem nele e seus processos de funcionalização.

Ao abordarmos o sujeito no espaço no século XXI podemos lembrar o quanto mudou, nas últimas décadas, a noção de lugar. Da ocupação de lugares de caráter físico, passamos também a ocupar lugares virtuais, como os *sites* da internet e os ambientes da telefonia móvel. Surge, assim, um tipo de tecnologia capaz de gerar espaços sociais, comunidades, lugares e paisagens.

Com as redes digitais, uma nova concepção de ecossistema se apresenta. Por esse tipo de fenômeno, por exemplo, mapas e diagramas de relacionamento são criados para mostrar o uso e a expansão de lugares que ocupamos no espaço virtual. Com espaços como *Google*, *Youtube*, *Wikipédia*, *Amazon*, *eBay* e *Facebook*, a rede se coloca como um ambiente de trocas imediatas em escala massiva e cotidiana. Eles transformam a comunicação num espaço contínuo de compartilhamento de informações e vinculam pessoas, a princípio, separadas pelo espaço e pelo tempo.

A geração de artistas que atua no início do século XXI revela, em grande parte, questões que associam a percepção sensória do espaço às discussões da sociedade e aos circuitos midiáticos. Suas ações requerem do receptor a experiência do espaço vivenciado, a observação móvel e ativa. Nelas é fundamental conhecer os modos como o espaço é temporalizado e compartilhado

em tempo real bem como os deslocamentos existentes entre o espaço da obra e o seu entorno social.

Tomando como pressuposto o pensamento crítico de Milton Santos sobre o espaço, compete aqui perguntar: os artistas que emergem no contexto da globalização questionam o espaço no século XXI de que modo? Como eles o processam e o desfuncionalizam, tornando-o, com isso, um espaço mais aberto aos fluxos não hierárquicos, às visões não hegemônicas e às trocas humanas?

Passada a primeira década do século XXI, em que vimos desmontes políticos, ambientais e financeiros colocar em xeque sistemas hegemônicos de poder, cabe perguntar se aspectos relacionados à globalização são redefinidos e em que medida os conteúdos e as formas de negociação com o espaço se apresentam transformadas nas práticas artísticas da atualidade.

No século XXI, em que processamos cada vez mais em nosso cotidiano uma rede complexa de informações entre espaços físicos e virtuais, públicos e privados, caóticos e organizados, permeados pelas telecomunicações e a informática, podemos dizer que o espaço social se amplia, promovendo novos desafios à nossa percepção. É a forma como reconhecemos o espaço que está em transformação, gerando com isso novas formas de o experimentarmos.

O campo de ação do espaço como espaço fluido e simultâneo e o modo como ele envolve a sociedade tecnológica é um fenômeno recente. Por essa perspectiva, o espaço é apresentado de forma híbrida, em seus aspectos heterogêneos e em suas interfaces móveis. Como um organismo, ou um sistema fluido de sinais, a experiência social é acionada na simultaneidade entre o “espaço-dentro” e o “espaço-fora” de vivência em ambientes informacionais. É como se tivéssemos diante de nós uma espécie de fisicalidade ampliada entre o espaço físico e o virtual. Traz-nos, com isso, a dimensão de um espaço conectado a temporalidades simultâneas, cuja natureza é transitória.

O espaço em sua forma híbrida é um tipo de espaço que provoca uma densidade de intersecções comunicacionais, coloca em conflito estados móveis e imóveis, amplia a noção de lugar e paisagem, a noção de espaço público e privado, e, por consequência, coloca em xeque o estatuto do sujeito e da percepção.

Nesse contexto, as práticas artísticas promovem passagens não lineares de um estado a outro de espaço comunicacional. Em grande parte, envolvem o tempo real e ativam a duração como qualidade e sensorialidade. Esse é o caso de práticas que agenciam os ambientes instalativos, a performance, o cinema, o vídeo, as sonoridades, as experiências em sítio específico (*site specific*) e as intervenções no espaço público, promovidas fora (ou não) do ambiente da exposição, que são muitas vezes reconfiguradas no espaço expositivo. Remetem, com isso, à noção de duração como a de um *continuum do tempo* relacionado a espaços heterogêneos.

Em alguns casos, as ações artísticas são pensadas para o lugar da exposição, articulando, desse modo, a noção de *site specific* e a de produção de presença no espaço expositivo. Muitas vezes, as experiências em tempo real são vivenciadas de modo direto e indireto pelo receptor. Quando vivenciadas de modo direto, como performances durante o período de abertura da exposição, deixam muitas vezes resíduos. Tais resíduos são incorporados no local da apresentação, sob a forma de ambiente instalativo, de modo a mostrar ao público, ao longo da exposição, a estrutura latente do seu aspecto processual.

A natureza dessas práticas é intersticial e se configura como um estado de potência e virtualidade na obra. Esse tipo de prática promove diálogos imanentes e não hierárquicos no que tange negociações de naturezas distintas de espaços e dispositivos enunciativos. Acentua, com isso, a transição de gestos efêmeros (de caráter mais impermanente), como a performance e as mídias locativas, para a instância instalativa (de caráter mais permanente) de apresentação da obra ao público.

O espaço no campo da arte é, assim, menos associado à noção de representar algo e mais associado à noção de acontecimento. Na medida em que a sua experiência é produzida em confronto com múltiplas dimensões temporais, o espaço na produção artística passa a ser reconhecido também em sua forma simultânea e em sua capacidade de reorganizar a percepção e a cognição corporal. Tal tipo de constatação reflete a noção de espaço associada a uma rede fluida de sensações “dentro-fora” da obra, capaz de promover reconfigurações no plano das experiências sensoriais.

— **Espaço em relação**

O espaço em relação é um tipo de espaço que permite à ação perceptiva apreender tempos simultâneos numa mesma realidade. Diz respeito à experiência de viver a mobilidade entre espaços. Na física, remete à noção de espaço intensivo, às mudanças na percepção sensória e à noção de acontecimento, aludindo, sob diferentes aspectos, à capacidade que o espaço possui de colocar o tempo em relação.

O espaço intensivo é o campo de forças entre o espaço e o tempo. Associado à noção einsteiniana de observação e à Teoria da Relatividade, diz respeito a analisar uma mobilidade sob um ponto de vista não mais considerado como fixo, mas sim considerado como móvel. No espaço intensivo a exploração ocorre não mais sob o ponto de vista de quem está fora da experiência, mas sim sob o ponto de vista de quem está dentro da vivência de movimento.

O espaço intensivo é, como na *cinemática relativística*, um espaço-tempo, um acontecimento. Fazem parte do seu objeto experiências que inscrevem o tempo, que problematizam o espaço temporalizado e o fluxo do tempo. Diz respeito, com isso, a estudar formas artísticas de caráter móvel e transitório.

Quando Einstein teoriza que a luz compõe-se de partículas e que a energia das partículas da luz determina a frequência da vibração, abre-se um outro contexto de compreensão para os fenômenos do espaço. Nesse novo ambiente cognitivo, a noção de espaço é vista sob a perspectiva do espaço intensivo, sendo experimentada em relação à vibração da luz e ao *continuum do tempo*.

O espaço intensivo é diferente do espaço extensivo encontrado na física clássica. No espaço extensivo a noção de espaço é associada à noção de evento e não à noção de acontecimento. No espaço extensivo o sujeito observa o fenômeno de fora, sendo que a dimensão espacial não incorpora a dimensão temporal.

Pelo enfoque do espaço intensivo, o espaço é observado numa circunstância de movimento e relacionado à vibração da luz e ao *continuum do tempo*. Como uma duração intensiva que ativa o corpo no espaço, ele não é mais encontrado apenas no enunciado da obra, mas sim como experiência relacional, como espaço de

comunicação da obra com o receptor e com o meio ambiente em que tal comunicação é vivenciada.

As mudanças provocadas pelo espaço, em suas experiências intensivas de fluidez e simultaneidade, implicam refletir sobre a capacidade que o espaço tem de se apresentar e ativar sentidos no *outro*. Sob essas condições, a experiência do espaço se cria na sua realidade provisória, na sua relação com o receptor.

O espaço, sob esse ponto de vista, desloca sentidos: da concepção de obras que contêm um espaço interno para a concepção de obras que provocam o espaço para fora delas, que ativam outros espaços além dos presenciáveis no entorno físico. Provocam, com isso, experiências diversas tanto no corpo do receptor quanto no espaço sensório como um todo.

Observa-se, em tais circunstâncias, que o espaço é experimentado não apenas como um espaço interno da obra, mas como um elemento sensível capaz de ativar o espaço informacional fora da obra, promovendo, com isso, uma dimensão ampliada de apreensão do ambiente em que a obra se apresenta. Tal tipo de procedimento age no sentido de estimular uma desfamiliarização no receptor, provocando nele um estado de estranhamento diante da noção de espaço.

Boa parte dos artistas faz uso de tais dispositivos perceptivos no sentido de ativar no público modos críticos de perceber o espaço e as tensões existentes entre o espaço da obra e o da realidade social, principalmente no que tange a sair de uma escala pessoal para uma escala coletiva de observação.

Por essa perspectiva, tanto o espaço da obra como o espaço social são observados em uma concepção instável, como campos de forças entre práticas de linguagem e práticas da vida. Noções como arte e contexto, desterritorialização, tempo real e fluxos informacionais são pontos de partida importantes para pensarmos essas noções de espaço.

Com a reconfiguração da noção de espaço, é possível observar que o modo como a experiência artística se apresenta no século XXI provoca ações simultâneas e o dimensiona como que em rede. Trata-se de relacionar maneiras como se colocam e se resolvem os problemas de significação no âmbito da cultura digital.

— **Espaços críticos reivindicados**

Problemas relacionados ao espaço são concernentes à maneira com que se organizam a paisagem e o sujeito no ambiente. Consciente das mudanças relacionadas à percepção sensória, a dimensão do espaço é assim pensada pela nova geração de artistas sob a perspectiva dos problemas de fluidez e simultaneidade. Significa investigar procedimentos comprometidos em não mais representar o espaço, mas sim em apresentá-lo, experimentá-lo.

Os conteúdos e as formas de negociação com o espaço nas práticas artísticas contemporâneas conduzem às misturas entre ações performáticas, intervenções urbanas, *site specifics*, filmes, vídeos, fotografias, sons, internet, mídias locativas, jogos, lambe-lambes, banco de dados, arquivos, diagramas, textos e instalações interativas. Os trabalhos se apresentam como uma rede de procedimentos comunicacionais que se desdobram a cada nova estratégia, provocando transformações nos modos de apresentação e de circulação da arte.

Sob esse ponto de vista, são produzidas obras que reorganizam o trânsito entre linguagens e contextos sociais. Surge, assim, um espaço móvel, inesperado, inexistente, relacional. O seu sentido é constituído por nos remeter a situações indeterminadas: revela o desejo de redesenhar novos lugares. Nesses espaços, a convergência de temporalidades de naturezas distintas gera mais volume, mais dúvida e, portanto, mais complexidade.

Embaralham assim os sentidos: onde antes reconhecíamos como espaço fixo agora reconhecemos como móvel, onde antes reconhecíamos como espaço homogêneo agora reconhecemos como heterogêneo, onde antes reconhecíamos como espaço urbano agora reconhecemos como espaço informacional, onde antes reconhecíamos como espaço pessoal agora reconhecemos como coletivo e vice-versa. Um pouco como a personagem de Lewis Carroll, *Alice*, convidam-nos a reconhecer e a redimensionar o espaço sob uma outra lógica.

Numa sociedade constituída pela informação em tempo real, pela mobilidade e pelas redes comunicacionais, os espaços móveis da arte colocam em xeque os conteúdos fixos do espaço, permitindo ações que o modificam constantemente. Fazem surgir, com isso, fluxos novos de informação e espaços em processo. Ao se

apropriarem de conteúdos móveis, as propostas artísticas agenciam relações entre os ambientes dentro-fora da obra, deslocando seus sentidos originais.

Se para Milton Santos a percepção está ligada à velocidade das pessoas, das coisas e das mensagens, ao modo do geógrafo-filósofo, cabe acompanhar de que forma a geração de artistas que emerge no século XXI produz certo tipo de pensamento crítico, distinguindo-se em função dos estranhamentos, tensões e conflitos que reivindica nos espaços da contemporaneidade.

Nessa direção, é importante não perdermos de vista a dimensão crítica do espaço que esses artistas realizam. Ao modo de Milton Santos, é preciso, assim, fazermos claramente a diferença entre os espacialistas, aqueles que “apenas dão importância às formas, estudando assim o espaço em si mesmo” (SANTOS, 2002a, p. 58), e os artistas que procuram “analisar o espaço nas suas relações com a sociedade” (2002a, p. 58), considerados por Milton Santos como espaciólogos, ou pelo que é possível considerar como os verdadeiros artistas que enfrentam as questões do espaço.

A condição do espaço nas práticas artísticas é vista, dessa maneira, como pressuposto para pensarmos noções de espaço como algo móvel, composta pelo trânsito entre objetos de linguagem e objetos sociais. O espaço, no âmbito da cultura digital e do século XXI, é pontuado por suas relações plurais e apresentado como uma noção processual, como um vértice criativo de variadas práticas midiáticas e da arte.

Bibliografia

ARANTES, Priscila; SANTAELLA, Lucia (Orgs.). Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008.

BERGSON, Henri. Memória e vida. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira (Org.). Milton Santos – Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.

MELLO, Christine. Extremidades do vídeo. São Paulo: Editora Senac, 2008.

_____. Cinemáticas. In: ARANTES, Priscila; SANTAELLA, Lucia (Org.); Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008. p.149-162.

_____. Imagem digital com memória. In: Antropofágica/ Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina. n.1, v.1. São Paulo: FASM, 2008, p. 53-65.

_____. Cinemáticas: experiências do movimento em práticas artísticas contemporâneas. São Paulo: ECA-USP (pesquisa de pós-doutorado), 2009.

MOASSAB, Andréia. Pelas Fissuras da cidade. In RAMOS, Célia Maria Antonacci e Grupo de Pesquisa Poéticas do Urbano (Orgs.). Poéticas do urbano. Florianópolis: UDESC, 2005.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Edusp, 2002a.

_____. A natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 2002b.